

OS POLOS DA PISCICULTURA CONTINENTAL NO BRASIL: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA

Thiago José Arruda de Oliveira (Embrapa Pesca e Aquicultura)
Marta Eichemberger Ummus (Embrapa Pesca e Aquicultura)
Kennedy Douglas Leocacio Vasco (Embrapa Pesca e Aquicultura)
Balbino Antônio Evangelista (Embrapa Pesca e Aquicultura)

Municípios-polos da piscicultura continental, objeto central deste estudo, são aqueles com produção acima da média nacional em ambientes de água doce por períodos prolongados e que estabelecem conexões produtivas com localidades vizinhas por meio da cadeia aquícola. Esses núcleos geram áreas com características semelhantes e estrutura hierárquica, atraindo continuamente investimentos e capacidades operacionais. Apesar de se tornarem referências no segmento, absorvem os principais recursos disponíveis, o que dificulta o surgimento de novas regiões com potencial equivalente. Nesse contexto, torna-se essencial identificar delimitações em fase de consolidação da atividade, como forma de subsidiar ações governamentais voltadas à expansão e fortalecimento da cadeia aquícola em diferentes partes do país. Para isso, empregou-se o Índice de Moran Local (LISA), ferramenta estatística amplamente reconhecida, como método de análise. Um município é considerado polo ao apresentar padrão Alto-Alto em dois momentos distintos (2014 e 2022), figurar entre os três maiores produtores estaduais e estabelecer interações espaciais com elevado grau de significância (>99,9%) com pelo menos um vizinho. Há possibilidade de configuração com múltiplos polos, subpolos e com abrangência interestadual. Os dados utilizados foram obtidos junto ao sistema de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os resultados revelaram cinco polos nacionais: no oeste do Paraná, com produção combinada em viveiros escavados e tanques-rede no reservatório de Itaipu; na tríplice fronteira entre Rondônia, Mato Grosso e Amazonas, com predominância do tambaqui (*Colossoma macropomum*); entre Mato Grosso do Sul e São Paulo, nas águas das usinas de Ilha Solteira e Jupiá; no baixo Rio São Francisco, envolvendo Pernambuco, Alagoas e Bahia; e no entorno da hidrelétrica de Três Marias, em Minas Gerais. Além disso, constatarem-se sete novas áreas com potencial emergente em 2022: entre Tocantins e Maranhão, entre Piauí e Maranhão, entre São Paulo e Minas Gerais, no Espírito Santo e Rio de Janeiro. Nesses contextos, empregou-se a média estadual como referência na análise exploratória, o que contribuiu para refinar o processo de delimitação. Essas áreas requerem ação estratégica por parte do poder público, a fim de consolidar os polos emergentes e estimular a expansão da atividade aquícola em suas respectivas regiões. Por fim, destaca-se a precisão da estatística espacial na detecção de dinâmicas produtivas consolidadas e em formação, viabilizando o ordenamento territorial da piscicultura e de outras cadeias agropecuárias com eficiência e sustentabilidade.